

BRAGA: 26 DE ABRIL DE 1974

José Manuel Mendes

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.176.6>

O documento que se segue constitui uma versão muito encurtada do discurso proferido em 26 de abril de 1974, em Braga, na Praça do Município, para milhares de cidadãos que aí se juntaram, reconstituído agora a partir da memória, de um curto papel de há 50 anos e dos apontamentos a que pude aceder com ajuda de amigos, a quem do coração agradeço.

Bracarenses

Mulheres e Homens livres nesta Praça onde tudo principia
Juventude, Jovens das diferentes idades

Antes de todos e de cada um, Militares, Militares de Abril, quem está aqui, connosco, e os presentes pela acção revolucionária de ontem em Lisboa

Povo unido, Povo, mais do que multidão a vontade e a força de construir

Saudemos os Militares que, num rasgo patriótico, fizeram tombar uma Ditadura com quase meio século de iníquas provas – Partido Único, elevação de fascistas e não poucas nulidades aos postos do mando, tirania, corrupção, organizações afrontosas como a PIDE, a Legião, a Mocidade Portuguesa, o Movimento Nacional Feminino, essa escória de bufos conspirando as mesas dos Cafés, os convívios, o viver das famílias, em prol da doutrina oficial da insânia, as cadeias, Aljube, Caxias, Peniche, desde logo, o Campo do Tarrafal onde assassinaram cidadãos intransigentes e solidários.

Saudemos as Forças Armadas, as que se pronunciaram por uma rutura com o passado no Quartel do Carmo, as que nasceram de um imperativo de transformações profundas e deram início a um tempo de cravos e obra, imensa obra por fazer. Abracemos, num gesto civil e de gratidão indetível, os que aqui nos acompanham e, neles, a energia instituinte do melhor da nossa História.

Saudemos, saudemos quem acudiu ao Povo, Fernão Lopes, que asfixiavam e criou condições, sem derramamento de sangue, para sermos o alvorecer das grandes realizações.

E os resistentes. Nos atos quotidianos entre ciladas, perigos, algemas, não apenas rumorejando desacordos ainda quando estes eram importantes, no trajeto das práticas insubmissas dia após dia, na clandestinidade – nesta varanda, à minha direita, representada por um dos seus obreiros. Os Democratas de Braga, a organização, o movimento nuclear que assegurou no Distrito, com prestígio raro no país, jornadas inesquecíveis de interpretação, contra ventos e marés, das aspirações dos mais desprotegidos, os trabalhadores da Grundig, em Riba d’Ave, Guimarães ou Barcelos, por exemplo, os pobres, os carentes de assistência médica, educativa, social, as classes remediadas

sem horizonte para os sonhos. Somam, os verdadeiramente destacados, neste espaço convosco, anos de prisão, violência, censura, o horror da censura, prejuízos de múltipla natureza, não só económica, desrespeito elementar. Saudemos os Democratas de Braga, expressão anti sectária, nela se enlaçaram e enlaçam marxistas e católicos, republicanos de matriz indómita e cidadãos movidos por uma fraternidade acesa, agindo em conjunto por uma comunidade justa, humanizada, próspera, e, noutros lugares, quantos de maneira convicta e sincera, de acordo com ideias diversas, se opuseram a Salazar e Caetano na esperança de um instante resgatador. Elevemos, neste mar de sagração, a estrela da unidade, sejam quais sejam mais adiante os nossos caminhos nas viagens da política.

Bracarenses

Mulheres, Homens, Jovens de Abril, doravante o mês eterno

O derrube do regime de Santa Comba Dão – não ofendendo eu a terra – emergiu desse combate sem tréguas com a asfixia, o subdesenvolvimento, a Escola amordaçada, os dramas da emigração, a ignorância, fruto da ausência de um ensino não servil nem cavernoso tantas vezes, o desprezo pelas Bibliotecas, feitas arrumo de notáveis obras do pensamento, da literatura e das artes. Emergiu do 1º de Maio, ano a ano, de lutas dos operários e demais forças laboriosas, e lembro a da Carris, o júbilo das pessoas em transportes iluminados pela insubordinação, das greves estudantis de 1962 ou, sobretudo, 1969 – Coimbra 69 provou ser percussora da madrugada de 24 para 25 –, das alterações no interior dos quartéis que formavam tropas para as guerras de África, estive em Mafra, sei do que falo, em que a consciência de crescente número de alferes, capitães, quadros acima se consolidava. Os militares assumiram, com brio, proficiência e grandeza extrema a voz de uma pátria a desamordaçar. Saudemo-los na emoção, saudemo-los à luz de uma racionalidade em águas felizes.

Dirijo-me a vós, de algum modo, em nome dos Jovens. Nessa qualidade, também do amor sem taipais e arame farpado por perto,

estuardo de igualdade na sua aura criativa. De lonjuras a percorrer sem o crime da guerra. Iremos a Angola, à Guiné-Bissau, a Moçambique, ou a Cabo Verde e São Tomé, como irmãos de gente liberta do jugo opressor. Exijamos nesta circunstância, honrando os milhares de mortos que deviam festejar Abril nos rossios, nos largos, nas ruas de Portugal inteiro e aos quais empresto a fala, o termo imediato dos combates, o regresso dos aviões e navios peçados de soldados em regra sem culpa, a independência das Colónias. E festejemos os povos sem amarras, armas bilateralmente depostas, já, um minuto retardado é um estuário de perdas sem sentido, armas substituídas pela vivência ilimitada do porvir.

Povo de Braga, em frente pela estrada da euforia. Mas não adiando o que se faz urgente: instituir a Democracia, sanear as estruturas do Estado dos sicários de meio século fascista, compor um Governo que acolha, concretize, potencie as ambições e esperanças legítimas da comunidade, de uma vida digna e equânime aos direitos inalienáveis, a desobstrução dos Partidos constituídos e o surgir de novas formações ideológicas, o investimento público, o progresso sem ameias nem negociatas, economia ao serviço de interesses limpos, eleições para as Juntas, as Câmaras Municipais, o Parlamento, que nunca se chamará Assembleia Nacional, todas as instâncias que só o voto legitima. Uma imprensa desconstrangida e qualificada, não o reino hediondo dos pasquins da Situação, novos Liceus e Estabelecimentos de Formação Profissional, Universidades disseminadas pelos centros nevrálgicos da Casa Comum. A Universidade do Minho para, como alguém redigiu num Comunicado da Crise Académica de 69, receber os imensos que connosco “jogaram ao pião” e ficaram à porta do que se concebeu a pensar nas classes possidentes.

Meus Amigos, “em cada esquina um amigo”, Povo que oiço a entoar a Grândola, Vila Morena

Eles, os derrotados de ontem e amanhã, não desarmarão. Existe, no seu cabaz de ignomínia, quem congemine a desforra e prepare

o pior. A vigilância impõe-se-nos, a vigilância à margem de tibiezas e excessos, é a guarda avançada da Revolução. Somos livres, Mulheres e Homens desta Praça e do que lhe mora em volta, não admitiremos ingerências externas nem o revanchismo dos déspotas finalmente apeados. Vamos cumprir os sonhos das gerações que nos antecederam com tenacidade e brilho, do primeiro insurgente, dos Democratas de Braga que convocaram esta manifestação e propõem pleno curso para os sonhos por chegar, os sonhos que despertam nesta hora.

Abraço-vos. Abraço-vos.

Vivam os Militares sublevados e vitoriosos

Vivam os Militares e as flores rubras que temos na mão

Viva a Liberdade

Viva a Democracia

Vivam os portugueses e a sua reconstrução de uma Pátria que nos leia e diga

Viva o futuro

